

1 º W E B I N Á R I O



# COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR ALTERNATIVA:

Tudo o que  
Você Precisa Saber



ACADEMIA DO  
AUTISMO  
por Fábio Coelho



## DEFINIÇÕES

A comunicação humana é uma troca de sentimentos e necessidades entre duas ou mais pessoas. “Quando uma mensagem deve ser transmitida, tipicamente as pessoas utilizam a linguagem, que, quer falada, escrita, ou por sinais, envolve um sistema que transmite um significado” (BOONE; PLANTE, 1994, pg. 83).

Quando pensamos em discutir a respeito de comunicação suplementar e/ou alternativa não podemos nos esquecer que é uma das áreas que faz parte da Tecnologia Assistiva, ou seja, nas mais diferentes culturas através da história as pessoas criaram adaptações e utilizaram ferramentas e equipamentos especiais para auxiliar as pessoas com necessidades especiais em suas sociedades.

Os estudos de comunicação alternativa e/ou suplementar começaram a ser desenvolvidos a partir da década de 70, quando se começou a repensar as definições da deficiência mental, física ou auditiva levando-se em conta que se tratava, também, de grupos “marginalizados” na sociedade, mas que deveriam participar e poderiam ser capazes. Comunicação suplementar e/ou alternativa refere-se a todas as formas de comunicação que possam complementar, suplementar e/ou substituir a fala. Dirige-se a cobrir as necessidades de recepção, compreensão e expressão da linguagem e, assim, aumentar a interação comunicativa dos indivíduos não-falantes (VON TETZCHNER; JENSEN, 1996).

Por sua vez Nunes (2001), afirma que comunicação alternativa envolve o uso de gestos, expressões faciais, símbolos gráficos (incluindo a escrita, desenhos, gravuras e fotografias) como forma de efetuar a comunicação de pessoas incapazes de se utilizarem à linguagem verbal. A comunicação ampliada ou suplementar possui um duplo propósito: promover e suplementar a fala e garantir uma forma alternativa, caso o indivíduo não tenha possibilidade de desenvolver a fala.

### **O que é comunicação?**

A primeira ideia que geralmente se tem do conceito de comunicação é que nos comunicamos por palavras e pela fala. Por meio da fala manifestamos sensações, sentimentos, trocamos informações, enfim, conhecemos o outro e nos deixamos conhecer. Porém, a comunicação entre pessoas é bem mais abrangente do que podemos expressar por meio da fala, ou seja, o ser humano possui recursos verbais e não-verbais que, na interação interpessoal, se misturam e se completam. Assim, ao falarmos, podemos, por exemplo, sorrir, demonstrando agrado, concordar ou discordar por um simples gesto, como balançar a cabeça, utilizar gestos para complementar o que falamos ou, simplesmente, demonstrar interesse ou desinteresse por aquilo que está sendo falado.

Um complemento importante na comunicação entre duas ou mais pessoas é a expressão facial que transmite várias informações e estados emocionais, tais como interesse, alegria, tristeza, raiva, medo, nojo, entre outros.

Além das expressões faciais, temos os gestos que são poderosa fonte de comunicação. Podemos indicar objetos e pessoas com um simples apontar,

podemos utilizar gestos sociais com significados, simplesmente acenando, como “tchau” ou “oi”.

Vemos, então, que a comunicação entre pessoas é marcada e complementada por vários elementos comunicativos que permitem compreender o outro e, também, ser compreendido.

### **Que é comunicação alternativa?**

Quem geralmente tem contato com pessoas com deficiência nota que algumas delas possuem “problemas” de fala. Em alguns tipos específicos de deficiências, como na deficiência mental, podemos encontrar crianças e jovens que apresentam dificuldades para se expressar ou falar. Em outros tipos de deficiência, como a paralisia cerebral, encontramos alguns alunos que são extremamente inteligentes, possuem boa compreensão, porém não conseguem articular ou produzir fala. Geralmente, essas dificuldades são conceituadas como “problemas de fala” e interpretadas como algo que é próprio ou inerente àquela pessoa. Com base na política de inclusão, surgem dois questionamentos: “e se propiciássemos a essas pessoas alguns recursos que lhes dessem condições de se fazerem entender?”; “e se criássemos adaptações no meio ambiente escolar e social para promover a interação e os processos de comunicação?”.

Essas questões têm sido debatidas em vários países, tais como Dinamarca, EUA, Canadá e Brasil, que têm desenvolvido sistemas alternativos para comunicação.

Em educação especial, a expressão comunicação alternativa e/ ou suplementar vem sendo utilizada para designar um conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionado a pessoas acometidas por alguma doença, deficiência, ou alguma outra situação momentânea que impede a comunicação com as demais pessoas por meio dos recursos usualmente utilizados, mais especificamente a fala.

Pensando, então, na interação entre professor e aluno com necessidades especiais na área da comunicação, os sistemas alternativos de comunicação são um meio eficaz para garantir a inclusão desses alunos. Assim, a criança ou o jovem que esteja impedido de falar poderá comunicar-se com outras pessoas e expor suas ideias, pensamentos e sentimentos se puder utilizar recursos especialmente desenvolvidos e adaptados para o meio no qual está inserido.

Vários podem ser os sistemas alternativos para comunicação. A criança ou jovem pode usar um tabuleiro de comunicação que contenha símbolos gráficos como fotos, figuras, desenhos, letras, palavras e sentenças, e construir sentenças ao apontar para fotos, desenhos ou figuras estampadas, de modo a se fazer entender no ambiente escolar e social. Há ainda sistemas que utilizam tecnologia avançada, como os sistemas computadorizados e softwares específicos e tabletes.

## **Ampliando a definição de comunicação alternativa**

Alguns autores discutem a adequação do termo “comunicação alternativa”, pois ele traz a ideia de que a fala vai ser substituída. Segundo esses autores, seria melhor adotar o termo “comunicação suplementar”, ou ainda “comunicação ampliada”. Esse termo designaria uma comunicação de suporte, ou seja, um apoio suplementar à fala. Nesse sentido, é sempre bom lembrar que, ao utilizarmos uma outra forma para comunicação, não queremos substituir a fala, mas contribuir para que a comunicação ocorra.

A comunicação suplementar ou ampliada enfatiza formas alternativas de comunicação visando dois objetivos: promover e suplementar a fala, e garantir uma forma alternativa de comunicação para um indivíduo que não começou a falar.

Ampliando um pouco a definição de comunicação alternativa, podemos encontrar duas subdivisões: comunicação apoiada e comunicação não apoiada.

A comunicação apoiada englobaria todas as formas de comunicação que possuem expressão lingüística na forma física e fora do corpo do usuário, como objetos reais, miniaturas de objetos, pranchas de comunicação com fotografias, fotos e outros símbolos gráficos e, ainda, os sistemas computadorizados. Esses são os recursos adaptados.

Em decorrência das dificuldades motoras, certos usuários de recursos de comunicação apoiada vão, também, depender de alguém para selecionar e indicar os estímulos necessários para que seja interpretado. É o caso dos alunos que necessitam de uma outra pessoa para realizar o manuseio do material confeccionado, apontando as figuras ou as fotos necessárias para estabelecer uma comunicação. A pessoa que auxilia vai indicando uma figura após a outra até que a escolha seja feita (sistema de varredura na linha e/ou na coluna). Após a seleção da figura pelo usuário, há necessidade de retomar novas seleções. Há alunos que conseguem selecionar os estímulos pelo olhar ou pelo apontar com a língua, mas não conseguem virar uma página ou pegar uma prancha temática. Nessas situações, também, esses alunos necessitam de auxílio do professor.

A comunicação não apoiada englobaria as expressões próprias daquela pessoa, tais como os sinais manuais, expressões faciais, língua de sinais, movimentos corporais, gestos, piscar de olhos para indicar “sim” ou “não”. Esses são os recursos da própria pessoa. As expressões são totalmente produzidas pelos seus usuários, ou seja, ela é realizada por meio das ações que o próprio aluno pode produzir, sem o auxílio de outra pessoa ou de equipamentos.

em si, dentro de uma língua e cultura específicas. O aspecto fonológico determina a programação e execução – articulação – corretas de determinado léxico. A sintaxe é a ordenação das palavras – léxico – de maneira a determinar frases inteligíveis, que remetem um significado. O significado da frase está atrelado ao significado de cada léxico pertencente individualmente e em conjunto; o significado da palavra ou da frase determinaria o aspecto semântico. Os constituintes lexical, fonológico, sintático e semântico devem estar atrelados a um contexto funcional, de uso correto, que seria o aspecto pragmático da linguagem. Cada aspecto, individualmente, não prediz a linguagem; está só existe da união e desempenho correto de todos eles. Qualquer alteração em um destes aspectos, automaticamente caracteriza uma alteração de linguagem, porém, não necessariamente exclusiva; uma alteração no constituinte fonológico determinaria uma alteração de fala.

Algumas pessoas dentro do Transtorno do espectro Autista, não desenvolve uma linguagem oral funcional, esse fato pode estar relacionado a outras comorbidades, tais como:

**Apraxia de fala na infância:** é um distúrbio neurológico motor da fala em crianças, resultante de um déficit na consistência e precisão dos movimentos necessários ao ato de falar quando o indivíduo não apresenta nenhum déficit neuromuscular. Em linhas gerais, podemos dizer que a Apraxia de Fala na Infância é um grave distúrbio motor que afeta a habilidade da criança em produzir e sequencializar os sons da fala da forma que seria comum à sua idade. A criança com apraxia tem a ideia do que quer comunicar, mas seu cérebro falha ao planejar e programar a sequência de movimentos ou gestos motores da mandíbula, dos lábios e da língua para produzir sons e formar sílabas, palavras e frases.

**Distúrbio do Processamento Auditivo Central:** é caracterizado por afetar as vias centrais da audição, ou seja, as áreas do cérebro relacionadas às habilidades auditivas responsáveis por um conjunto de processos que vão da detecção à interpretação das informações sonoras. Na maior parte dos casos, o sistema auditivo periférico (tímpano, ossículos, cóclea e nervo auditivo) encontra-se totalmente preservado. A principal consequência do distúrbio está na dificuldade de processamento das informações captadas pelas vias auditivas. Assim, a pessoa ouvirá claramente a fala humana, mas terá dificuldades em interpretar a mensagem recebida.

Além dessas citadas, podemos incluir a deficiência intelectual, surdez, epilepsia TDAH, como um dificultado para o desenvolvimento de linguagem oral no TEA.

## **O QUE IMPEDE AS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DE SE COMUNICAREM VERBALMENTE?**

Partindo-se do pressuposto de que a principal ferramenta para o ser humano interagir com o mundo e formar vínculos é a linguagem, conclui-se que dificuldades nos campos social e intelectual podem emergir caso exista algum problema no processo de desenvolvimento da linguagem do indivíduo. Tais dificuldades são identificadas por baixo rendimento acadêmico, isolamento social ou retardo no desenvolvimento cognitivo, que por sua vez, acabam sendo responsáveis por prejuízos no desenvolvimento psicológico da criança, podendo gerar transtornos de conduta ou emocionais significativos.

O desenvolvimento de linguagem implica fatores determinantes para o desenvolvimento da consciência, pois, ao designar um objeto por um nome, cria-se a possibilidade de discrimina-lo e conserva-lo na memória. Para ele, as palavras abstraem propriedades dos objetos que nomeiam, relacionando-os e formulando categorias. Esta possibilidade “assegura a transição do sensorial ao racional na representação do mundo” (LURIA, 1979, p.80).

A aquisição da linguagem é função da elaboração das estruturas cognitivas, além de depender também de um modelo exterior. É uma das manifestações da capacidade humana de representar eventos, mesmo na sua ausência, portanto implica em representação dotada de significação, além de ser um sistema que combina símbolos de acordo com regras, que devem ser adquiridas e aplicadas na conservação e na compreensão.

A linguagem não é um dado ou um resultado, mas um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido que, ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante ao qual se opera sobre a realidade e a constitui como um sistema de referências em que aquele se torna significativo.

O desenvolvimento da linguagem não é cumulativo, como um aumento quantitativo do repertório linguístico, mas processual, em que ocorrem transformações qualitativas no desenvolvimento do processo de reorganização, reconhecendo como um fato do desenvolvimento as crianças fazerem “uso” de estruturas linguísticas antes de ter conhecimento sobre as mesmas.

Para se ter uma ideia global da aquisição de linguagem, seria preciso levar em conta simultaneamente, os fenômenos múltiplos que interferem a cada momento no progresso da criança, com o que ela percebe, o que ela produz e o que compreende, e, ao mesmo tempo, descrever os progressos facilmente apreciáveis e os mecanismos que subentendem as aquisições.

A linguagem envolve a interação de muitas habilidades que se combinam para a comunicação eficaz; estas habilidades são caracterizadas pelos aspectos constituintes da linguagem.

E preciso levar em conta os seguintes aspectos da linguagem: sintático, lexical, fonológico, semântico e pragmático. O aspecto lexical caracteriza as palavras

## **A COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E OU ALTERNATIVA DEVE SER UTILIZADA APENAS POR PESSOAS QUE NÃO CONSEGUE SE COMUNICAR ORALMENTE?**

Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) é uma área de atuação clínica e educacional que objetiva compensar, temporária ou permanentemente, dificuldades de indivíduos com distúrbios severos de expressão, isto é, prejuízos severos de fala, linguagem e escrita, segundo a American Speech-Language-Hearing Association - ASHA (1989). A Comunicação Suplementar e Alternativa também vem sendo utilizada para designar um conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionados a pessoas com perda ou retardo no desenvolvimento da linguagem falada ou escrita fazer-se entender pelos seus interlocutores (DELIBERATO; MANZINI; SAMESHIMA, 2003). Esta área de conhecimento enfatiza o uso de formas alternativas de comunicação baseada no uso de gestos, língua de sinais, expressões faciais, o uso de pranchas de alfabeto ou símbolos pictográficos, até o uso de sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada e visa basicamente dois objetivos: promover e suplementar a fala para garantir uma forma alternativa de comunicação de um indivíduo que não começou a falar (GLENNEN, 1997).

A comunicação pode ser suplementar quando a pessoa deficiente já tem habilidades comunicativas, mas estas não são suficientes para serem compreendidas por distintos interlocutores em diferentes meios ambientes. Neste contexto, a busca por recursos de comunicação seria para suplementar uma fala e demais expressões que não são efetivas nas trocas comunicativas. Enquanto que a comunicação é alternativa na medida em que a pessoa não consegue se comunicar oralmente, dessa forma utiliza de recursos outros que não a fala nas diferentes intenções e proposições.

É importante ressaltar que o nível de compreensão da linguagem e o próprio prognóstico para a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral podem ser os indicadores para o planejamento e organização dos recursos de comunicação suplementar e alternativa.

Podemos identificar três grupos de pessoas com necessidades diferentes para o uso de Comunicação Suplementar e ou Alternativa:

O primeiro grupo está relacionado com as pessoas com boa compreensão da linguagem oral e que necessitam de um meio alternativo de expressão.

O segundo grupo está relacionado com pessoas que necessitam de auxílio de comunicação durante um período de tempo, uma vez que a fala pode ser adquirida e desenvolvida de forma funcional.

Por fim, o terceiro grupo de pessoas necessitam dos recursos de comunicação suplementar e/ou alternativa para a compreensão e para a expressão da linguagem.

## O QUE EU DEVO SABER ANTES DE UTILIZAR A COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR ALTERNATIVA

Os sistemas e produtos de apoio para a CSA são apenas um meio ou uma condição necessária para que a pessoa com deficiência de fala se comunique, desenvolva suas habilidades e participe do mundo ao seu redor, mas eles nunca são suficientes. O que é realmente importante é o processo de educação, habilitação e aconselhamento que deve acompanhá-los.

O processo de intervenção deve começar com uma avaliação das habilidades, habilidades, necessidades e desejos da pessoa, bem como as características, suportes, demandas e restrições de seu ambiente, a fim de definir os componentes que o sistema terá, ou sistemas que serão mais apropriados. Será necessário selecionar com muito cuidado os produtos de suporte, bem como as estratégias de acesso e, para os usuários de CSA, será necessário fazer uma boa seleção do vocabulário assinado ou pictográfico que será ensinado. Este processo de avaliação não deve ser pontual, mas contínuo ao longo da vida.

A **qualificação** e o **ensino** devem ser dirigidos à pessoa e ao seu ambiente, incluindo todos os contextos em que participam ou desejam participar, bem como todas as pessoas significativas nestes contextos, incluindo profissionais e, acima de tudo, familiares, colegas e amigos. Este ensino deve ser realizado em ambientes educacionais e terapêuticos, mas também em ambientes naturais, em uma abordagem de 24 horas que garanta que a pessoa estará imersa em um bom ambiente de linguagem, cercada por interlocutores sensíveis e competentes, e envolvida em atividades interessantes. e enriquecendo.

Para promover o sucesso da intervenção com a CSA, o mais importante é garantir que a pessoa com deficiência de fala tenha coisas interessantes para se comunicar com os outros, saiba como fazê-lo e tenha interlocutores que queiram ouvi-lo e saber como entendê-lo. Este objetivo não deve ser deixado ao acaso, mas deve ser alcançado através do esforço e sucesso de profissionais competentes, apoiados por uma sociedade cada vez mais consciente e livre de preconceitos.

Pensando então em utilizar, desenvolver ou criar meios alternativos para comunicação, devemos optar por aquele que ofereça as condições desejáveis para o aluno. Para esse delineamento, devemos estabelecer quais os tipos de estímulos que esse sistema deverá conter:

- o sistema utilizará objetos concretos?
- ele será composto por fotografias, figuras ou desenhos?
- terá como base um sistema de símbolos gráficos (pictográficos, ideográficos ou aleatórios)?
- o sistema será combinado?
- far-se-á uso da ortografia?
- o sistema será composto por sistemas gestuais?

Para fazer esse delineamento, será necessária uma avaliação do usuário e também da participação do professor, da família, do fonoaudiólogo e, se possível, de uma equipe para avaliar as possibilidades do aluno e da situação.

Em linhas gerais, para avaliar o usuário e a situação na qual o sistema será utilizado, deveremos verificar:

- 1) as habilidades físicas do usuário: acuidade visual e auditiva; habilidades perceptivas; fatores de fadiga; habilidades motoras tais como preensão manual, flexão e extensão de membros superiores, habilidade para virar páginas;
- 2) as habilidades cognitivas: compreensão, expressão, nível de escolaridade, fase de alfabetização;
- 3) o local onde o sistema será utilizado: casa, escola, comunidade;
- 4) com quem o sistema será utilizado: pais, professores, amigos, comunidade em geral;
- 5) com qual objetivo o sistema será utilizado: ensino em sala de aula, comunicação entre amigos.

Dessa forma, é importantíssimo fazer um levantamento das habilidades já existentes e do potencial do aluno, uma vez que o recurso alternativo de comunicação dará possibilidade ao professor de trabalhar aspectos da compreensão e expressão da linguagem do aluno.

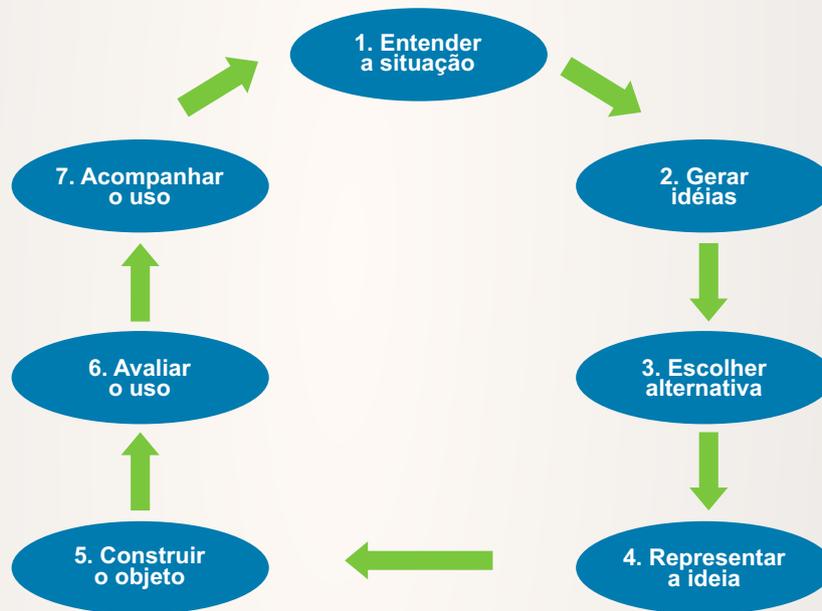
Tendo em mãos os dados dessa avaliação, é possível preparar o recurso a ser utilizado, ou seja, qual será a forma desse recurso, por exemplo, se ele deverá conter um vocabulário específico para a sala de aula ou para outra situação, se haverá um vocabulário básico com figuras acoplado com letras, ou mesmo com objetos.

### **Processo de Desenvolvimento das Ajudas Técnicas**

O processo apresentado a seguir configura-se como orientação para os profissionais da educação no sentido de encontrarem soluções por meio da utilização de objetos que auxiliem o aprendizado de pessoas com necessidades educacionais especiais.

Cada necessidade é única e, portanto, cada caso deve ser estudado com muita atenção. A experimentação deve ser realizada muitas vezes, pois permite

observar como a ajuda técnica desenvolvida está contemplando as necessidades percebidas.



### **1. Entender a situação que envolve o estudante**

- ✓ Escutar seus desejos.
- ✓ Identificar características físicas/psicomotoras.
- ✓ Observar a dinâmica do estudante no ambiente escolar.
- ✓ Reconhecer o contexto social.

### **2. Gerar ideias**

- ✓ Conversar com usuários (estudante/família/colegas).
- ✓ Buscar soluções existentes (família/catálogo).
- ✓ Pesquisar materiais que podem ser utilizados.
- ✓ Pesquisar alternativas para confecção do objeto.

### **3. Escolher a alternativa viável**

- ✓ Considerar as necessidades a serem atendidas (questões do educador/aluno).
- ✓ Considerar a disponibilidade de recursos materiais para a construção do objeto - materiais, processo para confecção, custos.

#### **4. Representar a ideia**

(por meio de desenhos, modelos, ilustrações)

- ✓ Definir materiais.
- ✓ Definir as dimensões do objeto - formas, medidas, peso, textura cor, etc.

#### **5. Construir o objeto para experimentação**

- ✓ Experimentar na situação real do uso.

#### **6. Avaliar o uso do objeto**

- ✓ Considerar se atendeu o desejo da pessoa no contexto determinado.
- ✓ Verificar se o objeto facilitou a ação do aluno e do educador.

#### **7. Acompanhar o uso**

- ✓ Verificar se as condições mudam com o passar do tempo e se há necessidade de fazer alguma adaptação no objeto.

Percebe-se que existem vários critérios para nortear a comunicação alternativa, para que o mediador analise a melhor forma de introduzi-la. E essa é uma pergunta que muitas pessoas fazem e é algo categórico para que a implementação dê certo, pois uma comunicação alternativa mal aplicada pode trazer consequências no processo, no qual implicará a aceitação da pessoa frente ao sistema de comunicação.

Devido a esses critérios muitas pessoas questionam se o processo tem etapas. Para introduzir a comunicação alternativa temos que observar a pessoa como foi citado, utilizar protocolos de avaliação que tenham as especificações citadas acima, como perceber seus interesses como se já observa e discrimina imagens, se atende a comandos, os objetos de interesse, como já se comunica etc. Assim cada um terá uma sequência a seguir.

#### **O que sugerimos?**

Ao fazer uma análise das necessidades da pessoa introduza a comunicação alternativa de forma gradual e de acordo com as demandas mais urgentes de comunicação. O interessante é analisar o entendimento de comando do sujeito e inserir coisas que a pessoa tenha desejo de se expressar, utilizando figuras do seu interesse como: brinquedos, desenhos favoritos, pessoas queridas, locais favoritos, etc.

Lembrando que a comunicação alternativa envolve todo um processo e nem todos se consegue no primeiro contato. O grande segredo nesse processo é o tipo de interação proposta.

#### **A comunicação alternativa na escola**

A comunicação alternativa teve ingresso nas instituições de ensino brasileiras na década de 70 na escola Quero-Quero em São Paulo por estudantes com deficiência motora, porém sem alterações cognitivas. Mas só na década de 90

que a Comunicação Alternativa começou a ser questionada e implementada no campo científico, passando a compor a metodologia utilizada por pesquisadores de programas de pós-graduação em educação especial, sendo colocados a prova diferentes métodos e recursos destinados a compensar a ausência de fala por sujeitos com diferentes deficiências.

A comunicação alternativa ainda é pouco utilizada nas instituições de ensino. Nas escolas que possuem sala de recuso o seu uso se faz mais presente, mas ainda, muitas vezes, sem entender a importância da mesma para o desenvolvimento global do sujeito. Sendo seu uso restrito a sala de recursos, e não se estendendo a sala de aula regular. E para que o aprendizado se consolide, ela é essencial na vida do sujeito não-verbal. Não quer dizer que ele não vá aprender sem ela, mas auxilia na compreensão do processo, quebrando barreiras de compreensão linguística e cognitiva.

O processo de linguagem envolve ações que vão muito além do que imaginamos e interferem em diversas áreas do nosso conhecimento, como nas nossas representações simbólicas, o que afeta diretamente o aprendizado. Neste sentido, cabe à escola promover a comunicação alternativa para socialização e desenvolvimento pedagógico dos seus alunos. Incluí-la no Plano de Desenvolvimento Individual é mais que dever. De acordo com a Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2001), os sistemas de ensino devem assegurar, mediante a eliminação de barreira na comunicação, dentre outras, a acessibilidade dos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais. Para tanto, devem prover as escolas de recursos necessários para que isso ocorra.

A comunicação alternativa deve ser concebida e planejada como etapa do desenvolvimento psicolinguístico e educacional do aluno, preparatória para alfabetização competente e a comunicação por escrita alfabética assistida. A comunicação alternativa é entendida como uma ferramenta que se bem empregada é substituída escrita alfabética, caso o sujeito tenha condições de desenvolvê-la. Assim, quando empregamos a comunicação alternativa devemos pensar no seu uso para comunicação como, também o desenvolvimento dos pré-requisitos das competências de escrita alfabética e leitura.

E ideal é pensar em um plano de ação que procura promover a socialização do conhecimento e prática sobre os aspectos que envolvem a Comunicação Alternativa no contexto escolar, para que a inclusão e aprendizagem do aluno sem fala e escrita funcional fossem significativas.

Dentro do ambiente escolar existem várias metodologias que podem ser utilizadas com ela, assim como ferramentas tecnológicas que auxiliam no processo de reconhecimento de sons, imagens e escrita, trazendo assim um ganho no desenvolvimento da comunicação e alfabetização.

Auxilia no processo de representação simbólica, a produção e interpretação de textos, associações, construção de palavras, frases e adaptação do currículo regular.

A comunicação e a linguagem são um dos aspectos de maior relevância do desenvolvimento infantil, uma vez que propiciam e sustentam de modo integrado, dinâmico e recíproco, os desenvolvimentos cognitivos e sociais da criança. E para auxiliar o desenvolvimento da pessoa que não possuía fala ou linguagem, devemos entender o processo de desenvolvimento da mesma, principalmente no que tange a linguagem.

**Autores - Valéria G. Santos , Lívia Santana**

**Todos os direitos reservados. Copyrights © 2019**

#### Referências

VON TETZCHENER, S.V.; JESEN, U. H. **Augmentatzve and alternatzve communication**: European perspectzves. London: Whurr Publishers Ltd, 1997.

ANZINI M, Eduardo, DELIBERATO, Débora **Recursos Para Comunicação Alternativa** disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas\\_tec.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf), acesso 20 de julho de 2019.

Organizadora NUNES P, Debora; **Anais do VII Congresso de Comunicação Alternativa ISAAC -Brasil - Fascículo 2**, Marília 2017; disponível em: <http://www.isaacbrasil.org.br/anais.html>; acesso em de julho de 2019.

TEIXEIRA M. R.MIGUEL, **A Comunicação Aumentativa Como Facilitador Da Participação Num Grupo De Jardim De Infância**, Lisboa, 2014. Disponível em: [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6776/1%C2%AA%20Volume%20-%20Da%20Teoria%20%C3%A0%20Pr%C3%A1tica%20-%20FINAL\\_impressao.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6776/1%C2%AA%20Volume%20-%20Da%20Teoria%20%C3%A0%20Pr%C3%A1tica%20-%20FINAL_impressao.pdf?sequence=1); acesso 30 de julho de 2019.